

O AMOR NA OBRA DE GABRIEL GARCIA MARQUES

Antonio Garcia Neto*

Carla Cristina Braga Valota Esteves**

RESUMO: O artigo consiste na leitura e compreensão de uma das obras do escritor e jornalista colombiano, Gabriel Garcia Marques, chamada “Memória de Minhas Putas tristes”, sobre o amor que este ensinaria por meio de seu conhecimento poético à clínica psicanalítica, em particular, as contribuições de Jacques Lacan, objetivando permear a obra. A contribuição da leitura psicanalítica dessa visão literária permite pontuar claramente o inconsciente, atribuindo uma sensibilidade peculiar, aguçando o desejo da clínica Psicanalítica. E é neste debruçar que esta revisão se deleita.

Palavras-chave: Amor, Psicanálise, Gabriel Garcia Márquez.

INTRODUÇÃO

A arte e a Psicanálise sempre foram companheiras no desejo ao conhecimento do sujeito, amantes na busca da compreensão da Psique e investigadoras de suas pistas deixadas nos versos, nos chistes, nos lapsos e no esquecimento. Logo, seguindo recomendações de escolas freudianas o artigo pretende utilizar a literatura como o sujeito que fala, uma vez que a psicanálise trata da importância da composição gramatical, da materialidade da palavra para constituir-se em seu discurso.

O retorno ao sentido da descoberta de Freud proposto por Lacan aponta primordialmente para a genialidade deste achado: a função da fala. O texto inaugural de Lacan, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” não cessa de insistir na função da fala. Por exemplo, sempre nos perguntamos sobre como uma criança aprende a falar. Lacan, surpreendentemente, afirma que jamais uma criança aprende a falar, visto que não se trata de uma etapa na maturação biológica e muito menos de uma função que seria instaurada de modo uniforme para a espécie. O que ela aprende é a responder. Responder implica que antes de tudo haja alguém que lhe fale, alguém que, supondo que no pequeno infans já exista um sujeito que lhe enderece uma pergunta, e que assim aposte que deste virá uma resposta. Por isso, falar é já sempre ser chamado para o lugar da responsabilidade, de

quem se põe como respondendo a. Assim, nos perguntamos: “O que Garcia Marques tenta responder na obra “Memórias de Minhas Putas Tristes”? e chegamos a uma conclusão: “Tenta responder sobre o amor e seus desdobramentos”!

No Seminário 20, 1972, encontramos a peremptória afirmação de Lacan: “(...) a análise nos incita a esse lembrete de que não se conhece nenhum amor sem ódio”. Isto que o levou a cunhar o neologismo hainamoration. E quando ele passa a considerar o amor não no masculino, mas no feminino, ainda neste Seminário, chamando o extremo do amor de “a verdadeira amor”.

O que a literatura de Garcia tem a dizer sobre o inconsciente e atribuir ao refinamento da escuta Psicanalítica nos fez debruçar na revisão deste autor que retratou com tanta beleza os desdobramentos do amor, o qual se configura justamente por enlaçar-se com o impossível.

A forma feminina do amor: O (in) possível do amor na obra “Memória de Minhas Putas Tristes” de Gabriel Garcia Marques.

O personagem-narrador de *Memórias de Minhas Putas Tristes* é um velho jornalista e crítico musical aposentado. Decide então, dar-se de presente ao completar 90 anos, uma noite de amor com uma adolescente virgem. Viveu todo esse tempo sozinho na casa dos pais, numa grande cidade colombiana. Agora, em meados da década de 1930, se diz cansado a freqüentar salas de concerto para ouvir virtuosos europeus e enviar ao *Diário de La Paz* sua crônica dominical. Freqüentador de bordéis, o solteirão, combina com uma cafetina o encontro com a virgem cobiçada. Na calada da noite, dirige-se ao prostíbulo e se deita junto a uma jovem de 15 anos que está dormindo. Em vez de desvirginá-la, apaixona-se a ponto de não querer tocá-la e de ansiar por preservar sua pureza. Esta é chamada de Delgadina.

A indicação central é a de que o lugar do amor deve ser situado a partir do encontro sempre faltoso do sujeito com a sexualidade, conforme Lacan o formula, avançando na

direção apontada por Freud. De modo didático, eis as três articulações que contextualizam o pensamento dos psicanalistas sobre o amor:

Em sua primeira articulação tem-se a relação entre amor e castração, onde podemos situar o "problema do amor". A esperança de completude, facilmente reconhecível, e que tem como fundamento uma perda original, colocada por Freud em termos de objeto perdido de uma satisfação primeira e origem de um profundo e permanente anseio por seu retorno, o qual recebe o nome de 'desejo'. Freud situa a busca amorosa (ou escolha de objeto) em uma perspectiva distinta, mas não independente da sexualidade, uma vez que apoiada nos laços com os primeiros objetos.

Tomando o conceito de objeto pulsional, Lacan o define como faltoso. Ou seja, a falta de objeto seria uma condição primordial, marca da entrada do sujeito no mundo simbólico, da linguagem. O amor seria, então, uma tentativa de fazer desaparecer a falta original do desejo. A situação paradoxal do amor, no entanto, também é reconhecida por Freud e por Lacan: se o encontro amoroso proporciona, por um lado, certo apaziguamento ao alimentar a ilusão da completude perdida, por outro lado, implica efeito de logro, pois basta amar para que o sujeito se reencontre com essa hiância estrutural, como diz Lacan, na medida em que o que falta ao sujeito (amante), o objeto (amado) também não tem.

No caso do velho jornalista havia uma tentativa em alcançar na virgem puta certa "Pureza Jovial"? Ou melhor, aquela ilusão de sentir-se completo, jovem e puro. Mas não nos esqueçamos do paradoxo do amor: se fosse pura não seria puta. Assim, reencontraria nesta "Bela Adormecida" novamente o furo.

Para Freud, o termo amor é reservado para o movimento do eu na direção do objeto para além da relação de puro prazer. Ou seja, ainda que porta a marca do pulsional (sexual), o amor a ultrapassa. Lacan dirá que, quando se trata do amor, o que está em jogo é a suposição de um ser no outro. Iludido pelo significante (que sugere que haja ser), o sujeito busca, com o

amor, fazer signo, suspendendo, ainda que provisoriamente, o deslizamento infinito do desejo. No livro encontramos a fantasia de que ser Puta é ser feliz, contudo, no desenrolar dos enigmas o velho percebe que a felicidade não é sinônimo de completar-se com o sexo, assim, não bastava ser somente puta para encontrar a plenitude. Logo, não temos como abocanhar o amor por meio do sexo, e Garcia representou de modo convincente isto, preferindo simbolizá-lo.

Finalmente, a relação entre amor e gozo, para Lacan o gozo está na ordem do excesso, para além do prazer. Aqui, o sofrimento, embora relativamente comum no campo do amor, particularmente em sua vertente de paixão, revela uma possibilidade de enlace com o gozo e, portanto, de manifestar sua face mortífera, pois o prazer não mais o limita.

Lacan, analisando o Banquete de Platão apresenta duas categorias do amor: a falta e a ignorância. No complexo de Édipo, Édipo também não sabia que tinha matado o seu pai e casado com sua própria mãe. Portanto, decorre que, na psicanálise, o neurótico é aquele que ignora o seu desejo e, partindo de uma falta estruturante, ama aquele que supõe responder ao que ele não conhece.

Baseadas em diferentes pontos teóricas, a primeira delas tem como referência o falo – “o amor é dar o que não se tem” –, a segunda se apóia no furo, penso poder dizer assim, pois é referente à posição feminina, segundo as formulações do Seminário 20, ao significante da falta de significante no campo do Outro (S de A barrado), e sua formulação final vai ao encontro da poesia – “o amor é a poesia”.

O amor nas palavras do escritor Gabriel Garcia Marques evidencia a teoria de Jacques Lacan de que “o amor é dar o que não se tem” e exatamente o que teoriza a Psicanálise aos olhos de Lacan de que não existe a relação sexual. Retratado pela estagnação do velho frente a moça, onde a virgindade seria o “não há”, “não existe”. E por conta disso, a ama.

Lacan em seu seminário I, "Os escritos técnicos de Freud", define o amor como narcisista e pertencente ao registro do amor imaginário com suas vicissitudes que são a ilusão de completude e a tensão agressiva. O amor correlativo ao desejo de reconhecimento no simbólico está sustentado pelo ideal do Eu. No Seminário VII, "A Ética da Psicanálise": Lacan aborda o amor pelo simbólico exemplificado pelo amor cortês, amor que exclui o gozo genital o que o aproxima do amor divino e aos místicos.

Neste amor cortês é que esta obra retrata a impossibilidade de completude, por sustentar uma falta. O personagem aponta não apenas para evidencia da falta, mas faz-se como luneta ao focar o basculamento que o amor realiza, na sua modalidade de amar a modo feminino, afirmação do Zacberg (2011) "ele protegendo seu ter e ela escondendo sua falta".

O amor cortês exclui, por estrutura, o gozo sexual. A mulher é retratada como inacessível, da ordem de privação, cercada e isolada por uma barreira. Como foi Delgadina, por ficar barrado(castração), diante desta jovem moça, a ponto de dormir ao seu lado sem fazer nada.

No Seminário VIII, "A Transferência", Lacan aborda o amor grego e define o amor em termos de metáfora, que seria a substituição do amante pelo amado, que é um amor que converge em direção a um objeto (objeto a), o que faz coincidir amor e desejo. O amor pode ser expresso então por uma metáfora de amor.

Que poderia ser simbolizado por um sintoma, por isso vem a dizer que a mulher é o sintoma do homem, amor sintoma. No Seminário XX, "Mais... ainda", e no Seminário XXI, "Les non-dupes errent", Lacan diz que falar de amor é uma forma de gozo e procura estabelecer uma lógica para a relação amorosa: "Amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer", disto Garcia Marques faz arte com seu personagem. "Naquela tarde, de regresso a casa outra vez sem o gato e sem ela, verifiquei que não só era possível morrer, mas que eu próprio, velho e sem ninguém, estava a morrer de amor".

Essa relação evoca uma *savoir faire*, o qual implica em saber fazer, dizer, de-clamar. é disso que tratamos aqui, de um sujeito que sabe do amor, e que ele se enriquece da pobreza com marcas garcileschas nasce o personagem da obra que identifica o amor ou ao menos sabe que para ele há algo a fazer, mas também sua estagnação frente a ele, como o faz diante de Delgadina e ainda ousa a escrever disso em seu Jornal. Do desnudar se, e deparar-se com seus próprios des-ajustes ou dê-s-amores. Exatamente aí, esta a perola que Garcia apenas nos excita a reconhecer, convidando os analistas a atravessar com seu desejo: “Passa a amá-la, não pelo que ela lhe oferece, mas pelo que não pode (e não quer) alcançar. Como se o amor quando atingido perdesse o encanto. Estabelece-se um pacto sem palavras”.

CONCLUSÃO

A obra *Memória de minhas putas tristes* deixa claro, as impressões do inconsciente e sua tramóia no que tange ao amor, e ainda o faz com beleza expondo sua relação com a literatura, uma maneira de encenar o que há de mais real nela.

Mas ainda esta para além, Garcia Marques aponta a psicanálise um ponto, um conto de intersecção, uma pedra no meio do caminho que às vezes passa batido, ou fica enviesado por seus mecanismos tão sabidos e úteis a clínica psicanalítica.

Entretanto, o que é preciso está no véu de ouro que descortina essa relação, nos convidando aos bastidores, no sentido que apenas fazer arte, literar sobre o amor, olhar pelo ângulo filosófico ou poético, não é o suficiente, ou utilizando o jargão winicottiano ainda não suficientemente bom, para o enlace matrimonial da Psicanálise e da Literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Estudos sobre histeria (1893-5). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1896) Novos Comentários sobre as neuropsicoses de defesa. Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1910) Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1904). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira cap. IV, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912b). Obras

_____ Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907). Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas. (ESB), v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Escritores criativos e devaneios (1907). ESB, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Romances familiares (1909). ESB, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908). ESB, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910). ESB, v.XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Recordar, repetir e elaborar (1914a). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Além do princípio do prazer (1920). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ Inibições, sintomas e ansiedade (1926-5). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, M. R. A psicanálise e o domínio das paixões. IN Novaess, A. Os sentidos da paixão. São Paulo, Companhia da Letras, 2009.

MAURANO, D. A face oculta do amor: A tragédia à luz da psicanálise

LACAN, J. (1955/56). O Seminário, livro 3. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1988.

_____ (1958). A significação do falo. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____ (1974) A Terceira. Tradução Ângela Jesuíno Ferretto e/ou; in: Cadernos Lacan II, Edições da APPOA, Porto Alegre, 2001

_____ (1972/73). O Seminário, livro 20. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.

_____ (1954/55) O Seminário livro 2, o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985.

_____ (1957-1958) O Seminário livro 5, as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

_____. (1959- 1960) O Seminário livro 7, a ética da Psicanálise, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

_____. (1926-1963) O Seminário livro 10, a angústia (inédito).

_____ (1964) O Seminário livro 11, os quatro conceitos fundamentais, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

_____ (1966) Formulações sobre a causalidade Psíquica. In _____. Escritos, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

_____ (1970) Seminário XVII: o avesso da psicanálise. RIO DE JANEIRO: Jorge Zahar Ed. 1970.

_____ (1975) Seminário XXII - R.S.I. Inédito.

_____ (1975). O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985.

_____ Função e Campo da Fala e Linguagem em Psicanálise. 1953. In:Escritos. J. LACAN (ed). Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. 1998. p. 238.

POLLO, V. Texto preliminar 4 : A passagem ao ato e o acting out - XIII Jornadas de FCCLRJ.

RIVERA, T. Arte e Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

SOLER, C. Psicanálise na civilização 1998.

VALADRES. V. Psicanálise e clinica do Ato A passagem ao ato e o acting out - XIII Jornadas de FCCLRJ.

ZALCBERG, M. Amor paixão feminina.

AUTORES:

*Psicólogo.

**Psicóloga, Pós Graduada em Saúde Publica, Professora Universitária.